

VERDADES SECRETAS: NARRATIVAS DE (SOBRE)VIVÊNCIAS SEXO-DISSIDENTES EM SIRIJI – PE

Túlio Vinícius Andrade Souza

*Mestrando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGpsi – UFPE),
tulio.andrade09@gmail.com;*

Benedito Medrado

Doutor em Psicologia Social pela PUC – SP, Professor da graduação e pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, beneditomedrado@gmail.com.

Resumo

O distrito chamado Siriji, no município de São Vicente Férrer, com aproximadamente seis mil habitantes, fica a 120 km da capital pernambucana. Apesar da proximidade física com a Região Metropolitana, a forte cultura tradicional e uma proximidade relativa entre os habitantes resulta em algumas dificuldades, dentre elas: fugir da opressão produzida por padrões impostos e hegemônicos de masculinidade e da ordem cisheteronormativa. Isso implica, então, no silenciamento de temáticas, identificação e espaços que possam ser reconhecidos como lugares para pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, transexuais e travestis (LGBT), produzindo mortes subjetivas, sociais e, também, físicas. O objetivo do nosso trabalho tem sido produzir narrativas sobre vivências sexo-dissidentes nesse cenário, considerando como referencial teórico-metodológico as conversas do cotidiano como práticas discursivas, a partir de uma orientação epistemológica dos estudos em Psicologia Social Crítica, embasados em uma perspectiva (pós)construcionista social. Dessa maneira, os eixos emergentes dizem respeito à (1) inseguranças e perigos na autoafirmação como sujeito LGBT no contexto intra e extra familiar; (2) inexistência de coalizões

entre as (poucas) pessoas (que se autoafirmam) da própria comunidade, impossibilitando a organização de um coletivo/movimento social; (3) dificuldades para exercer práticas afetivo-sexuais, tanto pela ausência de espaços, quanto pela carência de pessoas que se autodeclarem LGBT, o que ressoa em envolvimento com homens que se autodeclararam héteros. Em linhas gerais, as vivências dos indivíduos sexo-dissidentes, nesse cenário, permeiam gestões de segredos e produção e negociação de verdades (i)legítimas e “secretas”.

Palavras-chave: Siriji, Sexualidades dissidentes, Conversas do cotidiano, Produção de narrativas.

Introdução

O objetivo do nosso trabalho tem sido produzir narrativas sobre vivências sexo-dissidentes entre residentes do distrito de Siriji, no município de São Vicente Férrer, com aproximadamente seis mil habitantes, 120 km da capital pernambucana. Apesar da proximidade física com a Região Metropolitana, a forte cultura tradicional e uma proximidade relativa entre os habitantes resulta em algumas dificuldades, dentre elas: fugir da opressão produzida por padrões impostos e hegemônicos de masculinidade e da ordem cisheteronormativa. Isso implica, então, no silenciamento de temáticas, identificação e espaços que possam ser reconhecidos como lugares para pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, transexuais e travestis (LGBT), produzindo mortes subjetivas, sociais e, também, físicas (CATELAN, 2018).

Na conjuntura atual, o Brasil tem sido considerado um dos lugares mais perigosos do mundo para a população LGBT, sendo Pernambuco um dos estados com maiores índices de crimes letais contra essa população (ANDRADE, 2019). O levantamento mais recente de homicídios e suicídios de LGBT, organizado por José Marcelo de Oliveira e Luiz Mott (publicado pelo Grupo Gay da Bahia, em 2020), demonstra a continuidade deste cenário, apontando o Nordeste como a região com maior recorrência de casos (35,56%), seguido do Sudeste (29,79%) e do Norte (17,02%). Além disso, Pernambuco aparece na terceira posição de mortes violentas de LGBT, com 7,9% dos casos, atrás apenas de São Paulo (15,2%) e da Bahia (9,73%) (OLIVEIRA & MOTT, 2020).

Dessa maneira, os sentimentos de medo, vulnerabilidade, abandono e violências podem gerar cicatrizes psicológicas profundas. Esses indicadores estão fundamentados não só em pesquisas científicas (MARQUES & NARDI, 2011; MESQUITA, 2018; TOLEDO & PINAFI, 2012), mas também em relatos da vivência cotidiana de pessoas vítimas desse processo de produção de morte.

A prática de crimes e violências contra populações vulnerabilizadas, como a de LGBTs, acaba entrando para as chamadas “cifras ocultas” do crime, quando esse processo de imunização e impunidade implica uma diferença entre o que é considerado como “criminalidade real” e a “criminalidade aparente”. A primeira pode ser entendida como a efetiva quantidade de delitos cometidos em um determinado espaço

de tempo, enquanto a segunda diz respeito aos casos que chegam ao conhecimento das autoridades e passam a integrar as estatísticas oficiais (SUTHERLAND, 1985 apud MEDEIROS, 2015).

Se considerarmos, também, as diferenças entre as grandes cidades/regiões metropolitanas e as áreas interioranas, é possível perceber a potencialização dessas violências em cidades do interior. No entanto, muitas vezes elas são silenciadas e subnotificadas, gerando dados que, apesar de alarmantes, nem sempre refletem a realidade local. Demonstrando, portanto, a importância da realização de estudos e investigações em contextos de interior.

Metodologia

Pensamos a nossa pesquisa a partir de um cunho exploratório, considerando que temos buscado desenvolver um olhar mais aprofundado acerca de um determinado fenômeno para, assim, possibilitar a realização de outras pesquisas, mais aprofundadas, posteriormente. De acordo com Gil (2008),

Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. Muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. [...] O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados. (GIL, 2008, p. 27)

Além disso, orientamo-nos a partir da abordagem qualitativa, pois trabalhamos com possibilidades diversas de análise de significados. Estes, por sua vez, não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2007). Assumimos, também, que estamos posicionados a partir de uma natureza socialmente contruída da realidade e, ainda, pelas implicações da íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, entendendo que o ato de fazer pesquisa qualitativa não pode mais ser visto de dentro de uma perspectiva positivista neutra ou objetiva. Por isso, o rigor metodológico, proposto por Mary Jane Spink

Helena Lima (2013), está centrado na ideia de explicitar os processos e passos de produção e interpretação dos resultados, pois,

assim será possível que outros/as pesquisadores/as possam dialogar com os materiais apresentados.

A partir de uma orientação epistemológica dos estudos em Psicologia Social Crítica e embasados em uma perspectiva (pós)construcionista social, temos como referencial teórico-metodológico as conversas do cotidiano como práticas discursivas.

Vera Menegon (2000, p. 188) afirma que “as conversas do cotidiano permeiam as mais variadas esferas de interação social. Mas, por serem consideradas corriqueiras, dificilmente pensamos na riqueza e nas peculiaridades que possam estar presentes nessa forma de comunicação.”.

Assim, ao considerar a conversa como uma prática discursiva, entende que “conversar é uma das maneiras por meio das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam nas relações que estabelecem no cotidiano” (MENEGON, 2000, p. 188) e, dessa maneira, compreende essas práticas como linguagens em ação.

Ao me reconhecer e me posicionar como sexo-dissidente publicamente e, conseqüentemente, ao conversar, repertórios linguísticos são enunciados por meio de gestos e falas, por exemplo. Esses, por sua vez, são ricos em significados, que estão sendo levados em consideração na produção das narrativas. Dessa maneira, utilizar conversas do cotidiano como fonte de informação significa estar em campo durante todo o tempo da pesquisa.

Acerca do que foi colocado, Peter Skink (2003) afirma que

Campo é o campo tema. Não é lugar onde o tema pode ser visto - como num zoológico - mas são redes de causalidade intersubjetivas que se interconectam em vozes, lugares e momentos diferentes, que não são necessariamente conhecidos uns dos outros (...) é um tumulto conflituoso de argumentos parciais, e artefatos e materialidades (SPINK, 2003, p.36).

Essa perspectiva, por sua vez, alinha-se com o trabalho que estamos desenvolvendo, assumindo que permanecemos em campo o tempo todo e tendo como *corpus* de análise as conversas que permeiam essas vivências.

Para construir essas narrativas, consideramos as conversas com quatro interlocutores “chaves”. Todos eles homens gays, cisgênero, com a faixa etária no intervalo entre 19 e 26 anos de idade e classes

sociais variadas. O elemento convergente central corresponde ao fato de que todos nasceram e cresceram em Siriji.

A identificação e o compartilhamento de vivências e experiências têm sido formas de aproximação e acesso a esses sujeitos. As conversas ocorreram em cenários distintos, incluindo contextos virtuais. Quando presencialmente, também levamos em consideração os comentários elaborados e comunicados por outros membros presentes, que não os considerados “interlocutores ‘chaves’”.

Resultados e discussão

A partir da análise dessas conversas, identificamos três eixos/categorias de análise, quais sejam: (1) inseguranças e perigos na autoafirmação como sujeito LGBT no contexto intra e extra familiar; (2) inexistência de coalizões entre as (poucas) pessoas que se autoafirmam da própria comunidade, impossibilitando a organização de um coletivo/movimento social, por exemplo e (3) dificuldades para exercer práticas afetivo-sexuais, tanto pela ausência de espaços, quanto pela carência de pessoas que se autodeclarem LGBT, o que ressoa em envolvimento com pessoas que se autodeclaram heterossexuais.

No que diz respeito ao primeiro eixo temático, ou seja, as negociações que permeiam as inseguranças e perigos na autoafirmação como sujeito LGBT no contexto intra e extra familiar, pudemos perceber que essa fala se repetiu nas conversas com os quatro interlocutores. Dessa maneira, relataram a dificuldade (ou, até mesmo, impossibilidade) de estabelecer diálogos dentro de casa sobre temáticas que versem acerca de gênero-sexo dissidências e, por outro lado, que escutam constantemente a reprodução de discursos familiares condenando cenas de novelas ou filmes que retratam personagens e romances entre pessoas LGBT.

Ainda nesse contexto, por entenderem a realidade que estão inseridos (de um pequeno distrito no interior de Pernambuco), acreditam que as outras famílias (dos/as seus/suas amigos/as) também manifestam processos similares e, por isso, mencionam o sentimento de insegurança para se autoafirmarem diante de uma sociedade extremamente LGBTfóbica e cisheteronormativa. A ligação com o cristianismo e a religiosidade fervorosa, características típicas desse contexto, foram elencadas como potencializadoras desses processos.

A participação e integração em grupos de apoio social, também chamados de “família escolhida”, são fatores de proteção à saúde integral de indivíduos LGBTs. No cenário aqui debatido, no entanto, foi possível constatar a inexistência de coalizões entre as (poucas) pessoas que se autoafirmam da própria comunidade, impossibilitando a organização de um coletivo/movimento social. Essa constatação foi possível a partir da minha vivência pessoal, considerando que voltei para o interior durante a pandemia (e por causa dela), depois de 10 anos morando em Recife. Percebi uma realidade totalmente diferente, claustrofóbica.

Esses discursos também foram enunciados quando tentei integrar alguma rede de pessoas LGBTs que, para minha surpresa, não existe. As poucas pessoas que se autoafirmam da própria comunidade, por questões relacionadas ao eixo temático anterior, muitas vezes não podem ser vistas com seus pares, pois correm o risco de sofrer diferentes sanções e privações. Mesmo que essas pessoas se identifiquem como LGBT e sejam lidas, na rua, como tal, na maioria das vezes, no ambiente doméstico, essa questão é silenciada, inclusive como fator de proteção. Discursos cisheteronormativos são reproduzidos constantemente, aparentemente como tentativa de enfatizar o que seria “certo ou errado”.

Neste cenário, dificuldades para exercer práticas afetivo-sexuais, tanto pela ausência de espaços, quanto pela carência de pessoas que se autodeclarem LGBT, foram constatadas. Essa realidade parece implicar envolvimento com pessoas que se autodeclararam heterossexuais, como única possibilidade de experimentar essas vivências. Declarações acerca de desejos e práticas consideradas proibidas permearam as conversas sobre essa temática.

Com relação ao espaço, de fato, Siriji não possui nenhum território ou lugar que possa ser considerado como “seguro” para a população LGBT, ou seja, estamos nos referindo as famosas ruas e praças das grandes metrópoles que são conhecidas e frequentemente povoadas por integrantes dessa população.

Nesse contexto, os interlocutores citaram que, ao insistir em habitar os espaços onde “não são considerados bem-vindos” (nas falas/palavras deles), o que enxergamos como uma forma de resistência, resultava diversos olhares. Estes, por sua vez, estavam relacionados a visões de reprovação ou, ainda, a demonstração de interesses por

parte de pessoas que se autodeclaram heterossexuais, possibilitando a negociação e concretização das vivências supramencionadas.

De acordo com Darley Silva, Antonio Teixeira Júnior, Pedro Feitosa e Modesto Rolim Neto (2020), a rejeição familiar e rejeição social apresentam-se como os principais fatores desencadeantes de sofrimento psíquico nessa população. Quanto mais intensas essas rejeições, maior será a segregação do indivíduo e os sintomas de estresse serão potencializados (BAAMS; GROSSMAN; RUSSELL, 2015 apud SILVA *et al.*, 2020).

Anderson Ferrari e José Barbosa (2014), ao estudar homossexualidades masculinas e cidade pequena, tendo como campo a cidade de Leopoldina, interior de Minas Gerais, apontaram o preconceito e vigilância como dispositivos para lidar com pessoas e sexualidades em cidades interioranas. Dessa maneira, muitos sujeitos experimentam desejos considerados desviantes e, vivendo em locais com poucas referências e muitos julgamentos, relatam sofrimento, medo e culpa (MISKOLCI, 2008 apud FERRARI & BARBOSA, 2014).

Os mesmos autores afirmaram, ainda, que

Não se constatou, na pesquisa, uma vivência da homossexualidade a partir de grupos LGBTT constituídos. Até hoje, a cidade não possui estabelecimentos comerciais voltados para o público gay (nunca sequer houve uma festa gay), nem movimentos políticos organizados, como ONGs de defesa da cidadania homossexual e paradas do orgulho gay. (FERRARI & BARBOSA, 2014, p. 219).

Nguyen *et al.* (2016) apud Silva *et al.* (2020) identificaram que a população LGBT sofre, cotidianamente, “olhares estranhos em público, além de agressões verbais e físicas devido a sua orientação sexual” (p. 36) e, também, que durante tentativas de realizar atividades de lazer publicamente, essa população sofre agressões diretas e indiretas por parte da sociedade, podendo resultar em isolamento social, por exemplo (NGUYEN *et al.*, 2016 apud SILVA *et al.*, 2020).

Dessa maneira, muitos sujeitos experimentam desejos considerados desviantes e, vivendo em locais com poucas referências e muitos julgamentos, relatam sofrimento, medo e culpa. Esses sentimentos podem “levá-los à depressão, à fuga para cidades maiores, ou ainda a tornarem-se adultos exercendo seus prazeres clandestinamente,

escondidos e levando vida dupla” (MISKOLCI, 2008 apud FERRARI & BARBOSA, 2014, p. 218).

Considerações finais

A partir das vivências e das conversas do cotidiano, está sendo possível construir narrativas que evidenciem as dinâmicas e jogos de poder presentes na vida de indivíduos sexo-dissidentes do distrito Siriji, interior de Pernambuco. Essas análises e abordagens são fundamentais, pois historicamente estas investigações estiveram concentradas nas grandes metrópoles e, hoje em dia, tem se estendido para contextos interioranos.

Compreendemos, a partir do nosso exercício, que a experiência de produção de narrativas é, também, uma proposta de construção de conhecimento que implica efeitos políticos. Isso porque, durante as conversas e diálogos, que possibilitam essa produção, permitem que as pessoas revisitem suas experiências, viabilizando ressignificações nos encontros e possibilidades de transformações.

Reconhecemos, no entanto, que essas investigações ainda são incipientes e, como pesquisa exploratória, pensamos que devemos continuar estudando essas temáticas. Apesar de retratar um cenário claustrofóbico e sufocante para a população LGBT, enxergamos a importância de abordar, também, outros elementos, como as estratégias de resistência destes sujeitos nestes locais. Isso porque, dar visibilidade a essas estratégias é, também, visibilizar essa comunidade. Afinal, no interior também se produz vida e existência.

Diversas situações de sofrimento extremo foram narradas, o que nos alerta acerca da necessidade de interiorização de políticas públicas que atendam as diversas demandas da população LGBT, para que possam viver de maneira segura, digna e com saúde integral. Não sendo, portanto, a sobrevivência o maior objetivo e ambição desses sujeitos, que possuem direitos resguardados e que devem ser exercidos.

As vivências dos indivíduos sexo-dissidentes, nesse cenário, permeiam gestões de segredos, produção e negociação de verdades (i)legítimas e “secretas”. Nesse sentido, “se considerarmos que a restrição às sexualidades não heterocêntricas ocorre, mesmo nas metrópoles, onde as pessoas são mais anônimas, em localidades do interior do país ela costuma se apresentar potencializada.” (FERRARI

& BARBOSA, p. 217 , 2014). Necessário, portanto, minimizarmos esses abismos.

Referências

ANDRADE, Marília Gabriella Torres de. **A Psicologia fora do armário: contribuições com as estratégias governamentais de promoção de direitos e enfrentamento à LGBTfobia em Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

CATELAN, Ramiro Figueiredo. Setembro Amarelo, suicídio e a saúde mental da população LGBT. In: **Abstraído a Realidade**. Texto de blog. 2018.

FERRARI, Anderson.; BARBOSA, José Gabriel Couto de Viveiros. Homossexualidades masculinas e cidade pequena. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 8, n. 11, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARQUES, Daiane Maus; NARDI, Henrique Caetano. Anormais, bárbaros e bárbaras: trajetórias de vida de homossexuais e clínica psicológica. **Aletheia**: v. 35-36, p. 109-122, maio/dez. 2011.

MEDEIROS, Carolina Salazar L'Amée Queiroga de. **Reflexões sobre o punitivismo da lei "Maria da Penha" com base em pesquisa empírica numa Vara de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher do Recife**. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2015.

MENEGON, Vera. Por que jogar conversa fora? Pesquisando no cotidiano. In: Mary Jane Spink. (Org.). **Práticas Discursivas e Produção de sentidos no cotidiano**. 2º ed. São Paulo: Cortez Editora, p. 188-214, 2000.

MESQUISTA, Daniele Trindade. **Análise das concepções e práticas de psicólogas/os frente às normativas do Conselho Federal de Psicologia**

sobre diversidade sexual e de gênero. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de & MOTT, Luiz (org). **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia.** 1º ed. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

SILVA, Darley Rodrigues da; TEIXEIRA JÚNIOR, Antonio Gilvan; FEITOSA, Pedro Walisson Gomes; ROLIM NETO, Modesto Leite. Saúde Mental da População LGBTQ+. In: FEITOSA, Pedro Walisson & ROLIM NETO, Modesto Leite (org). **Saúde da população LGBTQ+: iniquidades em saúde pública.** Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

SPINK, Mary Jane P.; LIMA, Helena. Rigor e Visibilidade: a explicitação dos passos de interpretação. In: Mary Jane Spink. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.** 1 ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, v. 1, p. 71-99, 2013.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicol. Soc.,** Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 18-42, Dec. 2003.

TOLEDO, Livia Gonsalves; PINAFI, Tânia. A clínica psicológica e o público LGBT. **Psicol. clin.,** Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 137-163, 2012.